

POESIA VIVA

AFONSO DUARTE



Retrato do poeta Afonso Duarte pelo pintor Guilherme Filipe.

Afonso Duarte é um dos nossos maiores poetas vivos. Nasceu na aldeia da Freira, perto de Montemor-o-Velho — região de Coimbra —, a 1 de Janeiro de 1886, e estudou naquela cidade, onde completou em 1912 o curso de Ciências Físico-Naturais, na antiga Faculdade de Filosofia. Neste mesmo ano funda e dirige uma revista literário-artística — A Rajada —, que reflecte o espírito da «Renasença Portuguesa», movimento de grande importância na formação da sua personalidade e que marca a primeira fase da sua poesia, cujos elementos mais pessoais se desenvolvem até atingir uma rara originalidade, tanto formal como temática, na qual entra em linha de conta a subtil transposição dos elementos do lirismo popular, que supera e resolve num vincado portuguesismo de linguagem e de atitude. É neste aspecto que se torna considerável a influência de Afonso Duarte na poesia portuguesa do último quarto de século, através de alguns representantes do movimento da Presença e mais tarde do Novo Cancioneiro, e das correntes que lhes foram ou são afins.

Como professor do ensino normal primário, Afonso Duarte foi um verdadeiro renovador em Portugal dos estudos pedagógicos e etnográficos, realizando neste campo uma obra do maior alcance, que infelizmente permanece desconhecida.

A sua ficha bibliográfica conta: Poesia: Cancioneiro das Pedras (1912), Trágédia do Sol-Posto (1914), Rapsódia do Sol-Nado, seguida do Ritual do Amor (1916), Sete Poemas Líricos (1929), Ossadas (1947), Post-Scriptum de um Combatente (1949), Sibila (1950), Canto de Babilónia (1952). Prosa: Barros de Coimbra (1925), Os Desenhos Animistas de uma Criança de 7 Anos (1933), O Ciclo do Natal na Literatura Oral Portuguesa (1936), Um Esquema do Cancioneiro Popular Português (1948).

do Sol-Posto (1914), Rapsódia do Sol-Nado, seguida do Ritual do Amor (1916), Sete Poemas Líricos (1929), Ossadas (1947), Post-Scriptum de um Combatente (1949), Sibila (1950), Canto de Babilónia (1952). Prosa: Barros de Coimbra (1925), Os Desenhos Animistas de uma Criança de 7 Anos (1933), O Ciclo do Natal na Literatura Oral Portuguesa (1936), Um Esquema do Cancioneiro Popular Português (1948).

ROSAS E CANTIGAS

Eu hei-de despedir-me desta lida,
Rosas? — Árvores! hei-de abrir-vos covas
E deixar-vos ainda quando novas?
Eu posso lá morrer, terra florida!

A palavra de adeus é a mais sentida
Deste meu coração cheio de trovas...
Só bens me dê o Céu! eu tenho provas
Que não há bem que pague o desta vida.

E os cravos, manjerico, e limonete,
Oh! que perfume dão às raparigas!
Que lindos são nos seios do corpete!

Como és, nuvem dos céus, água do mar,
Flores que eu trato, rosas e cantigas,
Cá, do outro mundo, me fareis voltar.

(De Sete Poemas Líricos — Ritual do Amor).

GRITO

Não posso já com ervas nem com árvores:
Prefiro os lisos, frios mármoreos
Onde nada está escrito.

Meu gosto da paisagem fez-se escuro;
Nenhures é o lugar que mais procuro
Como homem proscrito.

Eu bem sei: A verdura! A flor! Os frutos!
Mas não posso passar de olhos enxutos,
Meu campo verde aflito.

Porventura cegaram os meus olhos
Porque há nos silveirais flores aos molhos
— Tanta flor me tem dito.

Mas eu bem sei que movediços lodos
Que são o chão, as lágrimas de todos,
Meu coração conrito.

Eu não sei se amanhã será meu dia;
Recolho-me furtivo na poesia,
Incerto o chão que habito.

Ai de mim! Ai de mim, nuvem medonha!
Os homens conheci, bebi peçonha,
E é por isso que grito.

(De Ossadas).

ESTEPA

Desterro dos desterrados,
Meu coração é estepa delicada:
E meu cabelo neva
Sem Pátria, minha amada,
Minha amada.

Vou como ovelha tresmalhada
Que viu lobo,
Homem do povo, homem do povo
Que chora em sua Pátria amada.

Sem nada: Sem nada:
Sinto-me velho já do meu cansaço;
Sou como o pobre que trabalha a terra
Com o seu braço.

Meu coração é estepa delicada
E a minha alma é louca:
Ah, o heroísmo de cavar a terra
Sem o pão nosso cada dia para a boca!

(De Ossadas).

Comentário com alguma oportunidade

Por CARLOS DE OLIVEIRA

Dizia-me há tempos um amigo, leitor constante de poesias, contos e romances, que a generalidade da literatura portuguesa actual lhe sabia pouco a portuguesa. Sinceramente, creio que o meu amigo tem razão. Por mais que a nova geração de romancistas, por exemplo, tenha tentado encontrar nas realidades nacionais a matéria das suas obras, a verdade é que o empreendimento não foi levado a cabo na sua necessária unidade. Os processos técnicos empregados, o travessamento das obras, a própria linguagem, eram, na maioria dos casos, produtos de importação.

Ao que suponho, é possível encontrar na nossa tradição narrativa um tom próprio, nacional. Simples questão de estudo, a começar por um conhecimento mais profundo da Língua, que se faz ao convívio aturado, quase diário, dos nossos grandes escritores. O sabor português, de que falava o meu amigo, não é bem qualquer coisa que se possa definir completamente, mas talvez não seja de todo impossível apreendê-lo, ao menos por intuição, nesse estudo atento e amoroso da riqueza expressional que desde Fernão Lopes a Mendes Pinto, de

Vieira a Garrett, de Camilo a Fialho, o tempo foi acumulando para nossa inestimável herança.

Ora tal trabalho não me parece que tenha sido feito pela grande maioria dos nossos escritores do momento. Por diversas razões, uma das quais fundamental: certa teorização que postulava levemente o desprezo da forma, exigindo sobretudo de cada romance, de cada poesia, que gritassem verdades como punhos. Mas acontece que uma obra de arte não o será sem qualidade artística; acontece que a beleza exige um permanente estado de equilíbrio entre as verdades que se dizem e as palavras que as dizem.

Nós, escritores, trabalhamos com palavras e não nos é lícito ignorar que elas podem ser uma arma de força terrível ou terrivelmente frágeis, para lá do que pretendem exprimir. Podem apoucar as verdades ou revelar-lhes os gumes mais incisivos e luminosos. O nosso ofício é escolher as palavras, utilizá-las no momento próprio, atenuá-las, engrandecê-las — dominá-las. E as palavras são a Língua, a Língua é o povo, é o legado culto de toda uma literatura.

Penso que chegou o momento de se encarar tal problema com a atenção que até agora lhe não demos, de procurarmos contribuir para o desenvolvimento de uma arte literária genuinamente nacional. Materiais portugueses e forma portuguesa.

Recordo-me, a propósito, da conversa que tive certa vez com um jovem contista a que me ligam, de resto, os mais fortes laços de admiração. Dizendo-lhe eu o que pensava de um livro seu publicado por essa altura, e que merecidamente recolhera o aplauso unânime da crítica, insisti no que me parecia ser o grande risco que a sua arte poderia vir a correr no futuro: a técnica demasiado americanizada de narrar. Manifestei a opinião de que talvez lhe fosse salutar a leitura atenta do Camilo das *Novelas do Minho* ou dos contos tradicionais do nosso povo, porque eu não percebia lá muito bem que um contista português, escrevendo em português para portugueses, conhecesse cuidadosamente os Steinbeck ou os Caldwell e não fizesse o merecido estudo da contribuição que o génio nacional dera à arte que mais directamente o interessava. Passados meses, o meu interlocutor declarava numa entrevista discordar do interesse que a leitura dos contos tradicionais lhe pudesse oferecer, porque o conto moderno era positivamente outra coisa.

Não gostaria de ser tomado por um chauvinista e apresso-me, pois, a declarar que a leitura de Steinbeck, de Caldwell, de Faulkner, de quem quer que seja, me parece do mesmo modo necessária. Não defendo um estreito nacionalismo literário, de ouvidos surdos a todas as experiências estranhas, porque experiências e conquistas estranhas são conquistas e experiências nossas — lições de que é sempre possível extrair riqueza. O que defendo é a necessidade de combater a tendência receptiva e imitadora, é a possibilidade de continuar uma literatura portuguesa com características próprias, achar a nossa forma, o nosso tom. Só assim poderemos dar alguma coisa de vivo a nós próprios e, o que é mais, retribuir o enriquecimento que nos vem de estranhos. É para a nossa própria face que devemos encontrar um espelho.

Desagradar-me-ia igualmente ser confundido com qualquer pregador do regresso ao passado. Esse portuguêsíssimo poeta que é Afonso Duarte, meu mestre e meu amigo, ensinou-me que

O tornar ao passado é sempre um resto, Ou, pior, uma falta de saúde.

Sim. A cópia servil do passado seria tão detestável como a cópia servil do estrangeiro. A mais moderna poesia portuguesa abunda, infelizmente, nesses dois pecados mortais. Anda por aí em voga um neo-arcadismo a presumir de renovador que é indistintamente «uma falta de saúde». Mas não se trata disso, como se não trata dos Bretons mal traduzidos.

O que de facto importa, a meu ver, é o reencontro com a verdadeira força vital do nosso carácter e da nossa Língua. Cuido aperceber na literatura portuguesa, popular ou culta (e, por excelência, na poesia), uma remota e múrmura corrente, qualquer coisa que, à falta de melhores palavras, me dá a sugestão de uma luz muito íntima, persistente e inconfundível. Não me peçam que lhes explique em termos precisos o que seja, porque já declarei que o não sei bem. Mas pergunto se o nosso maior dever de escritores não estará precisamente em descobrir essa luz, essa água — e, tentando iluminar com uma o nosso perfil de homens, beber da outra o tal sabor português que, pelos vistos, nos tem faltado.

CANÇÃO DE EL-REI D. DINIS

Maria: anda o gadinho a trabalhar
Em plena florescência;
É um zumbido de oiro
No pasto em flor da abelha
E temos o Inverno até lá Março.

Um lindo sol doente,
Como um poeta lirico,
Abre ao Inverno a Primavera:
E ao néctar da abelha,
Que é cor na corola
E música subtil do pólen,
Apetece cantar com Dom Dinis:
«Ai, flores, ai, flores do verde ramo»

El-rei Dinis esteve no Castelo
Onde eu existo a uma distância pouca
Troveiro como um choupo à beira-rio.
Ó Maria,
Apetece cantar com Dom Dinis:
«Ai, flores, ai, flores do verde pinho».

Com ritmo que leva olhos e tudo,
Filhas de lavradores
Começam de cavar o chão pousio:
Margaridas e crucíferas,
Lirios brancos e roxos,
Maria, há muitas flores para as abelhas.

A terra é graciosa
Cá mesmo na prisão, descalço e nu,
Na derrota dos anos.
— Cantar velho, Maria,
Com tanta flor de hastes erectas
Toucando o verde prado?

(De Ossadas).

SONETO

A jovens poetas, meus amigos

Ainda crente, ao descair da idade,
Quando o coração já mal se escuta?
É o quanto vos deve, mocidade,
O meu agreste espírito de luta.

Não a ceifeira que segou a herdade,
Da pragana do trigo devoluta;
Trazeis-me fé, renovo, a novidade,
Que a Terra há-de criar — mãe incorrupta!

Primavera no Outono destas dores,
Por baixo vermes, ao de cima flores,
E lá me irei feliz, como se deve.

Érgo-me para vós, que sois poesia,
Não me deixem morrer, quero alegria!
E, ao alto sol, mais sol na fria neve.

(De Post-Scriptum de um Combatente).

NOTA BIO-BIBLIOGRÁFICA DE JOÃO JOSÉ COCHFEL

Edições Sit acabam de lançar a público o novo livro do consagrado escritor Joaquim Paço d'Arcos

O NAVIO DOS MORTOS E OUTRAS NOVELAS

Cinco estranhas e impressionantes novelas. O vasto mundo e as cidades distantes. As almas, seus dramas, suas angústias e problemas nas páginas admiráveis dum dos nossos maiores escritores.

À venda em todas as livrarias — Pedidos a EDIÇÕES SIT (SOC. IND. DE TIPOGRAFIA, L.P.A.), R. Almirante Pessanha, 3 e 5, ao Carmo - LISBOA